

AGUSTÍN FERNÁNDEZ MALLO

Nocilla experience

Tradução

Joana Angélica d'Ávila Melo



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2008 by Agustín Fernández Mallo

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Esta tradução foi publicada mediante acordo com a Literarische Agentur Mertin Inh. Nicole Witt e. K., Frankfurt am Main, Alemanha.

A frase de *Dom Quixote* citada na página 83 foi retirada da tradução de Ernani Ssó. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2012, p. 61.

Título original

Nocilla Experience

Capa

Milena Galli

Imagem de capa

Nocilla experience, óleo de Milena Galli, 23,5 x 32 cm.

Preparação

Rita Mattar

Revisão

Adriana Cristina Bairrada

Carmen T. S. Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Fernández Mallo, Agustín

Nocilla experience / Agustín Fernández Mallo; tradução
Joana Angélica d'Ávila Melo. – 1ª ed. – São Paulo: Companhia
das Letras, 2013.

Título original: Nocilla Experience.

ISBN 978-85-359-2355-1

1. Ficção espanhola I. Título

13-10600

CDD-863

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura espanhola 863

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

1

Como pude, eu, ser aquele que desenvolveu a Teoria da Relatividade? Acho que foi graças ao meu desenvolvimento intelectual retardado.

Albert Einstein

Então encontraram um corpo boiando no lago, de barriga para cima, com o olho direito, o único que lhe restava, aberto e sem sinais aparentes de agressão humana. O volume corporal, em razão da água ingerida, dos agentes químicos em suspensão que abarrotavam o lago e da variada fauna e flora que havia tomado forma nos intestinos e em outros condutos internos do falecido, havia praticamente se multiplicado por dois. Corpo-esponja. Sachê para infusão. Quando estamos vivos absorvemos passado e ar; quando morremos, absorvemos química e organismos, procriação, tempo futuro, embora esse futuro já não valha nada. E é só. Do terraço se veem as partes traseiras dos carros que descem a avenida de mão única que leva ao estaleiro à beira-mar. Nenhum deles pode nem poderá subi-la de volta.

Sandra faz o voo Londres-Palma de Maiorca. Menos de uma hora em que o giro da Terra se congela. Folheia a revista *British Airways News*. Reportagens sobre vinhos Ribeiro, Rioja, as últimas tendências da arquitetura high-tech em Berlim, vendas de pérolas Majorica pelo correio. Derrama uma lágrima sobre uma foto de uma praia do Caribe, mas não por culpa da praia, nem do Caribe, nem da gravitação que é própria das lágrimas. Olha pela janela, fita a distância. Nem nuvens, nem terra. Constata o que já sabia: nos aviões não existe horizonte.

Marc estuda atentamente o livro à sua frente, *Guia agrícola Philips 1968*; encontrou-o entre os trastes velhos de seu pai e o conservou. Olha de relance o terraço, através da porta de seu barraco. Mora ali. Uma cabana, situada no alto de um edifício de oito andares, que ele foi construindo com diferentes folhas-de-flandres, pedaços de tambor de combustível e de papelão encerado, fragmentos de placas de amianto. Tudo justaposto de tal modo que as quatro paredes configuram um mosaico de palavras e ícones retalhados de azeite La Giralda, lubrificantes Repsol, Beba Pepsi ou sanitários Roca. Às vezes observa-os, e em meio a toda essa irmanação de marcas comerciais tenta descobrir mapas, percursos, sinais latentes de outros territórios artificiais. No terraço, que já nenhum morador frequenta, há uma série de arames que vão de lado a lado, nos quais, em vez de roupa pendurada, há folhas escritas, à mão e numa só face, com fórmulas matemáticas; cada uma fixada por um pregador. Quando sopra o vento [sempre sopra] e você olha de frente o conjunto de folhas, estas formam uma espécie de mar de tinta teórico e con-

vulso. Vistas por trás, as faces em branco das DIN-A4 parecem a mais exata simbologia de um deserto. Ele as vê adejar e pensa, Minha teoria é fascinante. Fecha o *Guia agrícola Philips 1968*, deixa-o sobre a mesa, sai e desprende algumas folhas dos arames de número 1, 4 e 7. Antes de voltar para dentro, debruça-se no parapeito e pensa no Mundial que nunca vencemos, reflete que a coisa mais plana que existe sobre a Terra são as ferrovias, e que a música de *O encouraçado Potemkin*, se você prestar atenção, é uma versão de “Purple Haze” do Jimi Hendrix. Depois entra no barraco, que estremece quando ele bate a porta.

Finalmente encontraram as armas de destruição em massa. O ditador as escondia no próprio corpo. E era só uma, cuidadosamente costurada ao seu estômago. Uma cápsula de um centímetro cúbico unida a um micromecanismo anexo que poderia ser ativado por ele mesmo mediante um controle remoto mental. De fato, se ele se concentrasse precisamente nesse ponto de seu estômago e dirigisse para ali toda a força dos pulmões e intestinos em virtude de uma técnica adquirida por velhos métodos de respiração yoga, o citado micromecanismo se ativaria, soltando um veneno que o mataria imediatamente. A destruição em massa seria provocada por um *efeito cascata*: a onda de imolações em cadeia que o Corão Tipo-B prevê para esses casos, à imagem e semelhança daquela outra reação em cadeia que convençamos chamar “nuclear”. Cristianismo, budismo, islamismo e tecno-laicismo em um só relâmpago.

Na árida estepe marrom situada no sudoeste da Rússia, ergue-se uma gigantesca construção de vidro culminada em uma cúpula e destinada a abrigar tudo o que uma pessoa possa chegar a imaginar desde que aquilo que imagina tenha a ver com o jogo do ludo. Brilha com fulgor suprafotográfico esse bloco de vidro solidamente cravado num chão de neve imaculada e pedras soltas. Aparentemente, uma miragem. Espaços para treinamento, alojamentos para aprendizes e mestres, salas de videoprojeção, laboratórios de programação de computadores destinados a inventar partidas, ginásios de relaxamento e/ou concentração orientados para os momentos prévios ao jogo, uma biblioteca cuja única temática são as fichas vermelhas, outra só para as amarelas, outra só para as azuis, outra para as verdes, restaurante e dietas especiais para alunos, uma cantina para visitantes e duas bibliotecas dedicadas à história do ludo. Localiza-se nos arredores da cidade de Ulan Erge, na região russa da Calmúquia, uma zona ao norte do mar Cáspio que tem forma de língua estrangulada, entre as recentes repúblicas da Ucrânia

e do Cazaquistão, onde 300 mil russos e russas vivem na pobreza que rodeia esse grande complexo ludístico. Dos próprios limites do palácio parte uma extensão segmentada por caminhos semiasfaltados e unida ao longe por um horizonte abarrotado de postes de telefone sem fio. Por ali se costuma ver alguma mula que se perdeu; possivelmente, dorme num galpão de antigos transformadores elétricos e pasta entre as antenas de rádio e televisão que foram plantadas oportunamente. Esse tecido de antenas se desenha dentro de um círculo de contorno irregular, com dois quilômetros de raio, em torno do palácio do ludo, mas não tem nada a ver com ele: o governo russo instalou ali toda aquela antenagem em virtude das excelentes condições que a região oferece em termos de altura, ausência de interferências e privilegiada situação fronteiriça euro-asiática. A ideia do palácio havia partido do presidente da região, Iluminizhov, que, como praticante fanático do jogo, investiu dezenas de milhões de euros na materialização de sua fantasia, obtidos tanto das arcas do Estado como de insólitas alianças com Kadafi ou Saddam Hussein. A zona está tão arruinada que os refugiados da Guerra da Chechênia que passam por ali vão embora porque não encontram água potável; muitos acham ali a morte que não encontraram no campo de batalha. Os povos nativos dessa estepe foram nômades que ainda conservam em parte essa forma de vida. Quando são expulsos de algum lugar, ou se veem sem recursos, desmontam suas casas, das quais deixam só os alicerces, e vão para outro lugar com os tijolos, janelas, fogões e pias empilhados em vans e automóveis. Mas o palácio do ludo está imaculado e vazio desde que foi construído, há dez anos. Sequer foi inaugurado por alguém, e muito menos usado ou habitado. Dentro só se escuta o vento que golpeia lá fora. Os livros estão nas estantes, os computadores carregados de programas, os pratos das cozinhas limpos e perfeitamente empilhados, a carne intacta nos frigoríficos, os

tabuleiros coloridos nas vitrines, as fichas e os copinhos para os dados preparados para partidas hipotéticas. Há também um rádio que um operário deixou ligado.

Saigon, merda, ainda estou sozinho em Saigon. Toda hora penso que vou acordar de novo na selva.

Apocalypse Now, Francis Ford Coppola

Mohamed Smith é um garotinho de quatro anos, concebido e nascido em Basra durante a ocupação americana do Iraque. Vai todos os dias ao colégio anglo-muçulmano, recentemente fundado, de mãos dadas com o pai, John Smith, ex-marine, que lhe conta histórias da guerra, como quando prendiam uma corda num terraço e faziam rapel para descer até o andar onde se suspeitava existir um grupelho sunita fundamentalista. Atiravam então uma granada de baixa potência através da janela e subiam de novo pela corda, às pressas, até o terraço, onde sentiam a detonação: durante alguns segundos, o chão tremia levemente, provocando sob os pés cócegas que os soldados comparavam à vibração que uma formiga deve sentir quando caminha sobre o couro de um tambor recém-golpeado. Era um dia de muito frio, e John havia lançado a corda, que se desdobrou como um labirinto animado fachada abaixo. Sexto andar, quinto andar, quarto andar, terceiro andar, ele quebrou a vidraça com a arma e empunhou a granada. Os olhos de uma jovem iraquiana que cozinhava no chão de uma sala de estar encontraram os seus; ela nem

suplicou nem chorou, apenas fitou o soldado como quem, de um avião, já não vê nem céu, nem nuvens, nem pássaros, nem sol, mas unicamente essa metálica extensão do corpo que é a asa de um Boeing tremendo sob uma força que só parte de você mesmo, porque ali fora já não há horizonte, já não há nada.

Imagine que você escuta pela primeira vez uma canção, que imediatamente te encanta; é fantástica. O que essa canção tem para ser assim perfeita? Deve ser porque é curta. O single perfeito dura uns dois minutos e cinquenta segundos.

Entrevista com Eddie Vedder, líder do Pearl Jam,
El pop después del fin del pop, Pablo Gil,
Ediciones Rockdelux, 2004

Antón é um catador de perceves que vive na aldeia de Corcubión, La Coruña, Espanha. Sua casa não fica diretamente no porto, mas isolada; é preciso afastar-se uns quilômetros monte acima para encontrá-la. Ainda assim, Antón vê o mar, e até o escuta quando, à noite, o vento uiva na direção favorável. Solteiro, 37 anos. O ofício de catador de perceves é curioso. Em lugares assinalados de antemão, onde o mar bate mais violentamente, trata-se de descer pela falésia atado a uma corda, para chegar até onde se supõe que crescem os perceves: o ponto exato no qual as ondas quebram e essas duas fases da matéria que são o sólido e o líquido se confundem para perder essência e definição precisas. Quando você menos espera, onde um segundo atrás havia rocha e molusco, agora há espuma e águas vetoriais, pura força. Todo ano, vários homens perdem a vida. Mas há um truque. O companheiro que fica lá em cima conta as ondas e sabe que, a cada dez ou quinze ondas pequenas, sempre vêm três muito grandes e sucessivas que eles chamam de *as três marias*, e então dá um grito, puxa a corda e Antón sobe rapidamente, içando-se com as

mãos. Em Corcubión e em grande parte da Costa da Morte, Antón é apelidado de Professor Bactério por causa de sua alopecia craniana, de sua longa barba escura e de uma ruptura de osso que ele tem no meio do nariz; e também porque desde pequeno não parava de fazer experimentos com os perceves, que são seres muito vivos. De fato, como os nômades, vivem naquela fronteira do líquido-sólido-gasoso, só que, agarrados à rocha, não se movem, e então é a autêntica fronteira do mundo em forma de água que se torna nômade e a cada três segundos vem até eles, como se não os afetasse o fato de que nos limites da matéria não estejam nem as bordas nem os vértices, mas sim a antimatéria, como se não os afetasse que seu vizinho de frente mais próximo seja um poste vertical de freixo que, na baía de Nova York, numera a maré em decimais.